

QUESTÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE MEDIADORES CULTURAIS

Rejane Galvão Coutinho
Instituto de Artes – UNESP

Resumo

O texto levanta questões sobre a formação de mediadores culturais, especialmente aqueles que atuam no contexto de ações educativas em museus e centros culturais. Busca inicialmente situar o campo e refletir sobre alguns pressupostos que atravessam estas práticas para tecer considerações sobre o perfil do mediador cultural a partir de pesquisa (Alencar, 2008) realizada na Cidade de São Paulo e apontar importantes dimensões do processo de formação deste profissional.

Palavras chaves: formação de mediadores, mediação cultural, ação educativa.

Abstract

This article raises questions about the training process of museum educator's. Initially, it tries to outline the field work and reflect about some assumptions that transverse these practices to make considerations about the museum educator's profile in Brazil, and discuss important training process dimensions.

Key words: museum educator, training process, museum education.

A questão da formação de mediadores culturais tem sido nos últimos dez anos um dos focos de minha atuação profissional, especialmente a formação de mediadores para atuar no contexto de ações educativas em museus e centros culturais. A partir dessa experiência de formação, neste texto busco inicialmente refletir sobre alguns pressupostos que atravessam este campo de práticas para tecer considerações sobre o perfil do mediador cultural e apontar importantes dimensões do processo de formação deste profissional.

O campo das práticas de mediação cultural que trato aqui lida com o segmento exclusivo da alta cultura, ou seja, obras de arte, objetos e bens culturais patrimoniais que se colocam em exposição em museus e centros culturais. Segmento este que tem nos últimos anos no Brasil, recebido incentivos de renúncia fiscal em nome da ampliação do acesso de todos aos bens culturais sob a bandeira da “democratização das artes e da cultura”. Esta ampliação de acesso aos bens culturais é a justificativa institucional para a presença dos

mediadores nas exposições. Situar este contexto é fundamental para compreender as complexas questões que se imbricam na mediação cultural e, conseqüentemente, dizem respeito aos sujeitos que impulsionam estas ações.

Neste campo, é comum partir do pressuposto de que a mediação levada a cabo nas instituições culturais é sempre uma ação que visa o bem. Pouco se questiona este pressuposto, pois ao colocá-lo em xeque se estará de certa maneira ameaçando um campo de práticas ainda incipiente, em processo de consolidação. Grande parte das pesquisas realizadas no Brasil até o momento (Benvenuti, 2004; Grispum, 2000; Martins, 2005; Martins, Schultze, Egas, 2007; Moura, 2007; Orloski, 2005; Rizzi, 1999) partem do pressuposto de que as ações de mediação e o acesso aos bens patrimoniais são ações em princípio inquestionáveis que devem interessar a todos os cidadãos, reforçando assim a premissa da “democratização das artes e da cultura”.

Qual o lugar da mediação cultural no contexto brasileiro?

No Seminário Internacional de Mediação Cultural e Social que aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo em 2004, em minha apresentação procurei situar a questão da mediação cultural no âmbito das práticas do campo educacional. Naquele momento, ao buscar situar a questão no âmbito da educação, procurava operar um deslocamento do acesso à cultura comumente situado no âmbito das práticas exclusivas do campo da arte. Isto porque a breve história da mediação cultural no Brasil vem nos mostrando, através de práticas vinculadas ao campo da arte, o quanto as ações de mediação têm buscado muito mais reforçar as distinções socioeconômicas de cunho elitista que têm por base as heranças culturais previamente adquiridas, do que propriamente procurado reduzir as desigualdades de acesso. Essas práticas, mesmo usando o slogan da “democratização das artes e da cultura”, vêm contraditoriamente assumindo e reforçando o discurso da elitização.

Tenho observado que não é suficiente abrir as portas dos museus e instituições culturais para o grande público, assim como não é suficiente oferecer ônibus

gratuitos para horda de estudantes de escolas públicas da periferia, entre outras tantas ações que visam aumentar o número de público atendido em uma exposição ou em uma instituição para justificar os incentivos. Esta minha percepção é corroborada por outros pesquisadores como Darras (2008) e Aguirre (2008) que consideram que uma mediação que busca aproximar o público leigo da alta cultura com ações que fazem uso de um discurso elitista, reproduzidor de mecanismos de distinção, apenas confirmam para o grande público que esta parcela da cultura não lhes pertence.

Ao trazer a questão da mediação para o âmbito educacional estou procurando encontrar outros modos de operar o acesso à cultura, ou seja, pensar uma mediação cultural que busque, como já alertava Bourdieu (2007), compensar (pelo menos parcialmente) as desvantagens daqueles que não encontram em seu meio familiar, social e cultural a incitação a esta específica prática cultural.

Muitos daqueles que já possuem um capital cultural (artistas, produtores culturais, críticos de arte, curadores, historiadores, etc.) tecem críticas a este modo de operar, ou seja, o modo de fazer da visita a uma exposição uma ação educativa. Pondera-se que ao trazer a questão da mediação para o campo educacional corre-se o risco de reduzir as práticas “diletantes” da cultura, ou o “prazer da experiência estética” a uma “escolarização” excessiva.

Outro argumento a considerar é que uma dimensão educativa pode também reduzir essas práticas de mediação ao mesmo processo de reprodução das desigualdades que é operado pelas engrenagens do sistema escolar tradicional. Por isso, quando pretendo deslocar a questão da mediação para o campo educacional, tomo como referência uma perspectiva crítica de educação e, sobretudo, de arte-educação, tendo a pedagogia dialógica como concepção norteadora e proposições contemporâneas de ensino de arte como modo de articular as ações de mediação.

Diante deste campo minado que é o campo das práticas artísticas temos que ser cautelosos, e como agentes mediadores neste contexto cabem então nos perguntar: para quem fazemos a mediação? Qual o foco prioritário deste

trabalho? Si pensamos no público é preciso buscar identificar e situar quem é este público. Si buscamos ampliar o acesso desse público aos bens culturais é necessário posicionar nosso foco de ação e refletir sobre as concepções de arte e de cultura que norteiam os projetos educativos das instituições. E aqui não podemos ignorar que os projetos educativos também fazem parte das estratégias promocionais das instituições, que com estes projetos justificam parte do capital investido.

Assim, penso que é urgente em nosso contexto brasileiro refletir sobre as ações educativas que tenham por finalidade favorecer aproximações com a arte e a cultura, sobretudo aquelas que têm como foco os sujeitos que historicamente foram apartados destes conhecimentos. A partir dessas considerações sobre o campo da mediação como um espaço de enfrentamento de concepções sobre a arte, a cultura e a educação, adentro o tema deste texto deslocando o foco da discussão para as implicações dessas questões sob os agentes mediadores deste processo.

Qual o perfil do mediador cultural em atuação?

Para pensar a formação deste educador mediador é preciso conhecê-lo. Em recente pesquisa de mestrado realizada por Valéria Peixoto de Alencar¹ no Instituto de Artes da UNESP, defendida em julho de 2008, temos dados que nos fornecem algumas características destes sujeitos que nos permitem delinear um perfil dos mediadores culturais no contexto da Cidade de São Paulo. Trabalharemos então com os dados de uma pesquisa de campo realizada entre os meses de setembro e novembro de 2006, com cem (100) educadores/mediadores que atuavam na ocasião nos principais museus e centros culturais da Cidade. É importante salientar que este número de educadores representava na época um terço do total de educadores atuantes no mercado.

Inicialmente alguns dados² básicos sobre a idade desses sujeitos que estão agrupados por faixa etária e podem ser lidas a partir das seguintes etapas que compõem a vida profissional de um educador, segundo Nóvoa (1995).

Divisão por faixa etária

Faixa etária	Educadores	Etapa da vida profissional
18 a 22 anos	17	Período de formação inicial
23 a 27 anos	20	Início da vida profissional
28 a 32 anos	21	Relativa experiência e busca de estabilidade profissional
33 a 37 anos	12	Relativa experiência e busca de estabilidade profissional
Acima de 40 anos	6	Estabilidade profissional
Não revelaram a idade	24	

Os dezessete (17) educadores que se encontram no período de formação inicial eram na ocasião estagiários da Bienal de 2006. Por esta amostragem temos claro que a maior parte dos educadores mediadores atuantes se encontra na faixa etária do início da vida profissional (20) e, sobretudo, no período de busca de estabilidade profissional (33). Isto revela um campo que está em processo de profissionalização, apesar da falta de reconhecimento de grande parte das instituições, dos problemas de contratação temporária, da falta de perspectiva de carreira e outros problemas observados por aqueles que trabalham na área e confirmados na pesquisa de Alencar.

Sobre a formação desses educadores, a pesquisa de Alencar³ revela que dos cem educadores que responderam ao questionário, vinte e seis (26) eram estudantes de graduação e trabalhavam como estagiários. Dos setenta e quatro (74) graduados, treze (13) tinham uma graduação concluída e dezenove (19) tinham duas graduações ou estavam concluindo a segunda graduação. Os quarenta e dois (42) restantes, além da graduação, eram pós-graduados ou estavam na ocasião cursando uma pós-graduação. Entre estes últimos, sete (7) estavam cursando uma especialização; dezenove (19) já eram especialistas

(incluindo-se aqui dois (2) com duas especializações); três (3) cursavam o mestrado; dez (10) já haviam concluído o mestrado; dois (2) eram doutorandos e um já havia concluído o doutorado.

Ou seja, confirmando a questão evidenciada pelos dados de faixa etária estes setenta e quatro (74) educadores mediadores que estavam em processo de ampliação de suas experiências e busca de estabilidade profissional, se encontravam também em processo de especialização em suas áreas de atuação como demonstram os dados acima de pós-graduandos, pós-graduados, assim como aqueles com duas graduações.

Para complementar o perfil desse profissional, vale a pena observar o teor das formações iniciais. Aqui os dados apresentados estão em porcentagens, pois se tratam dos setenta e quatro (74) sujeitos que possuíam graduação concluída. A pesquisa de Alencar revela que 70% dos graduados haviam concluído cursos na área de artes e afins. Em nota⁴ a pesquisadora especifica que entende como cursos afins, os de fotografia, cinema, publicidade, moda, teatro, arquitetura, desenho industrial e design. Quanto ao restante, 22% concluíram cursos na área de ciências humanas com uma maior concentração em História, e 8% em outras áreas.

Entre aqueles que se formaram na grande área de artes e afins, 39% eram licenciados e 61% haviam concluído bacharelados. A variedade de nomenclaturas dos cursos nas respostas ao questionário da pesquisa de Alencar evidencia a complexidade da área de formação para as artes do contexto brasileiro. Aparecem as licenciaturas em Educação Artística, Artes Plásticas, Artes Visuais e Artes Cênicas. Os bacharelados são em Artes Visuais, Artes Plásticas, Cinema, Arquitetura, Artes Cênicas, Desenho Industrial, Moda e Fotografia.

Este quadro evidencia que em torno de um terço (39%) dos educadores mediadores em atuação naquele momento, tiveram em sua formação inicial nos cursos de licenciatura, disciplinas relativas ao campo da educação, preparando-os para lidar com os processos pedagógicos inerentes às ações

educativas. No entanto, aqui temos que ponderar que os cursos de licenciatura em geral tratam muito pouco da questão da educação não-formal nos conteúdos de suas disciplinas pedagógicas. Sabe-se que o foco da preparação dos professores ainda centra-se na educação formal, apesar do mercado cada vez mais evidenciar que o campo de atuação do educador na área de artes se amplia em direção a ações não-formais.

Com relação aos bacharelados, precisamos também ponderar que em nosso contexto universitário no âmbito dos cursos de artes e afins, reproduz-se a ideologia do campo da arte que menospreza o ensino de artes, reproduzindo vários preconceitos e reforçando uma elitização desse campo.

Vejamos agora as áreas que os educadores mediadores têm procurado para se qualificar em cursos de pós-graduação. Reproduzimos aqui a tabela de profissionalização da pesquisa de Alencar⁵.

	Especialização	Mestrado	Doutorado
Artes e áreas afins	17	5	1
Ciências humanas	4	4	2
Educação	1	1	
Museologia	4		
Outros		2	

O quadro revela que os educadores mediadores em atuação têm buscado se qualificar majoritariamente na grande área de artes e afins, ou seja, em consonância com as especificidades do campo de atuação. Mas, é importante ponderar também que muitas vezes “escolhemos” cursos para nos qualificar diante das possibilidades, do que nos é oferecido em nosso contexto. Assim sendo, as áreas de ciências humanas, educação e museologia podem também ser consideradas áreas correlatas no processo de qualificação.

Diante dos dados e considerações sobre o perfil do mediador cultural, especialmente sobre o teor das formações iniciais e qualificações em pós-graduações, percebe-se que o campo da mediação cultural está sendo exercido e, conseqüentemente, constituído por conhecimentos de áreas afins e correlatas. Por um lado as intersecções e complementaridades de conhecimentos diversos podem enriquecer as mediações e por outro gera a necessidade de encontrar pontos comuns que ajudem a situá-las.

A pesquisa de Valéria Peixoto de Alencar evidencia o que estamos observando no contexto das ações educativas, a importância da formação em serviço ou formação continuada do mediador cultural. Uma formação em consonância com a prática, que procure extrair o melhor da complementaridade dos conhecimentos envolvidos e enfrente os desafios de constituir este campo interdisciplinar.

Qual a formação necessária ao mediador cultural?

A partir de minha experiência com a formação de mediadores culturais, quero tecer alguns comentários e apontar algumas dimensões fundamentais que acredito devem ser cuidadas em processos de formação.

Sabe-se que todo projeto de ação educativa é precedido de um curso preparatório para os educadores antes do início da exposição (no caso das exposições temporárias) e/ou ao longo do processo de trabalho (no caso das coleções fixas). Em geral, o foco desse curso é a pesquisa e o aprofundamento nos conteúdos e contextos da exposição para que o educador possa constituir seu discurso acerca desse universo, tendo como base conhecimentos de história e teoria crítica da arte. Não pretendo me ater em detalhes a esta dimensão do processo, pois ela me parece ser ponto de concordância geral e privilegiada nos processos de formação. Chamo atenção apenas para o direcionamento dado aos cursos que pode reforçar discursos reprodutores (quando o educador é incitado a reproduzir o discurso do curador, por exemplo) ou estimular uma participação crítica na constituição de discursos mais autorais. Isto leva a crer que a concepção que orienta a ação educativa deve

ser não apenas evidenciada no debate de idéias, mas exercida nos modos como o curso é organizado.

No processo de formação é importante ressaltar as competências ou dimensões do campo educacional e do campo comunicacional que se entrelaçam na ação mediadora. Resumidamente pode-se dizer que são as competências para se relacionar com o público. Porém sabemos que o público se constitui de sujeitos diversos, com diferentes demandas e necessidades, pertencentes a diferentes comunidades interpretativas. Ou seja, quando falo da dimensão comunicacional, não me refiro apenas à capacidade de se comunicar, de colocar a voz, de ter atenção com sua postura corporal, seu olhar, seus gestos, enfim sua presença em relação ao grupo e ao próprio espaço expositivo, questões importantes, mas chamo a atenção, sobretudo para a capacidade de flexibilizar a comunicação para os diferentes públicos. Sensibilidade de escuta para perceber as diferentes demandas, para identificar sem estereotipar os diferentes contextos de origem dos sujeitos. Em suma, capacidade de articular e adequar seu discurso para os diferentes públicos.

Mas, como estimular estas competências? Poderia dizer que não conheço fórmulas exatas, mas tenho alguns exemplos oriundos de experiências que podem servir como pretexto para considerações. Podemos começar com uma prática que tem sido exercida em vários contextos de aprendizagem, mas que nem sempre é aproveitada como processo de formação. Trata-se do processo de aprendizagem prático por acompanhamento. No caso de uma ação educativa, dá-se quando um educador menos experiente acompanha a visita de um educador mais experiente para aprender com este último. O acompanhamento de visitas, se entendido como possibilidade de formação, pode ser um momento de trocas entre todos os agentes envolvidos. Para que isto aconteça é necessário legitimar o processo com orientações específicas quanto às questões a serem observadas. Esta legitimação é importante para abrir espaço/tempo na jornada de trabalho dos educadores para discussão sobre a experiência vivida. Uma orientação é importante, pois nem sempre os educadores têm sua atenção voltada para aspectos da dimensão

comunicacional e educativa da *performance* de quem conduz o processo de mediação.

Por conta da riqueza da experiência de aprendizagem que pode ocorrer no acompanhamento de uma visita, foi criada pela equipe do Arteducação Produções uma dinâmica dialógica de acompanhamento, legitimada como processo de formação. Nesta dinâmica um educador/formador é destacado para acompanhar os vários educadores em suas visitas, funcionando como um “espelho reflexivo” do processo de mediação. O educador/formador deve obviamente ter um maior repertório de experiências com a mediação para enfrentar este desafio. O ideal é que ao longo do projeto todos os educadores possam passar pelo processo de observação mais de uma vez para que as questões possam ser retomadas e analisadas em diferentes situações. Ao final de cada acompanhamento de visita os dois educadores, o formador e aquele que foi observado, discutem o processo experienciado apontando os pontos positivos e negativos da *performance* do educador na condução da visita, sua postura, o andamento do percurso, as dinâmicas propostas, os materiais utilizados, os processos de leitura de obras, e, sobretudo, as reações do grupo a toda esta condução. Este processo de acompanhamento pode também ser enriquecido com registros fotográficos e/ou em vídeos do desenrolar da visita como meio de retomar algumas questões relativas à *performance* do educador.

Do campo educacional, especificamente da arte/educação, podemos apontar algumas questões que merecem ser tratadas no processo de formação em dinâmicas de grupo ou a partir de leituras e discussões de textos. Este espaço de formação ao longo do desenvolvimento da ação educativa deve ser garantido pela estrutura de trabalho. Uma reunião semanal coletiva com tempo suficiente para discussão de um tema, levando-se em conta a necessidade de conversas sobre questões do cotidiano, é suficiente. A condução desses encontros pode ser atribuição do coordenador da ação educativa, de assessores especialistas convidados, ou ainda pode se dá em sistema de rodízio entre os próprios educadores que podem se engajar na proposição de temas de seu interesse e competência relativos ao contexto da exposição e/ou

questões sobre mediação. Ao engajar os educadores no processo de formação além de estimular seu comprometimento com o trabalho e com o próprio processo de formação, reforçam-se as complementaridades das formações iniciais em direção a um processo interdisciplinar de formação.

Aponto alguns temas que são, a meu ver, importantes neste processo de aprofundamento e reflexões:

- Entender os processos de construção de conhecimentos em arte;
- Buscar instrumentos para avaliar os diferentes níveis de compreensão estética (de crianças, jovens e adultos leigos);
- Pesquisar e exercitar diferentes abordagens de leitura de imagens;
- Trabalhar as diferenças de percepção e recepção dos diferentes públicos, incluindo aqueles com necessidades especiais;
- Discutir diferentes concepções de arte, cultura e educação, buscando situar e refletir sobre suas próprias concepções;
- Exercitar processos de criação em arte de forma relacionada com o contexto da exposição.

E aponto ainda outras dimensões do processo que devem ser exercidas nas mediações formativas, como o estímulo e respeito à autonomia crítica dos educadores, o exercício de posturas reflexivas para enfrentamento dos conflitos vivenciados por sua função, e o exercício da flexibilidade diante de diferentes pontos de vista.

Todo este processo de formação precisa ser permeado por uma reflexão consciente sobre seu posicionamento profissional em relação às instituições e as suas políticas educacionais e promocionais. Não dá mais para encarar a mediação cultural de forma ingênua ou romântica ignorando os pressupostos ideológicos que as orienta. Enfim, este é um trabalho que demanda uma formação específica e profundamente comprometida, pois é fundamental ter clareza de seus posicionamentos em relação a sua função.

¹ Valéria Peixoto de Alencar. O Mediador Cultural. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado). Orientação de Rejane Galvão Coutinho, Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2008.

² Alencar, 2008, p.42.

³ Idem, p.45.

⁴ Idem, p.45.

⁵ Idem, p.46.

Referencias bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Nuevas ideas de arte y cultura para nuevas perspectivas en la difusión del patrimonio. In: Aguirre, Imanol; Fontal, Olaia; Darras, Bernard; Rickenmann, René. **El acceso al patrimonio cultural**. Retos y debates. Cadernos da Cátedra Jorge Oteiza: Universidade Pública de Navarra, Espanha, 2008.

ALENCAR, Valéria Peixoto de. **O Mediador Cultural**. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008.

BENVENUTTI, Alice. **Museu e educação em museus**: história, metodologias e projetos, com análises de caso: museus de arte contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DARRAS, Bernard. Del patrimonio artístico a la ecología de las culturas. La cuestión de La cultura elitista en democracia. In: Aguirre, Imanol; Fontal, Olaia; Darras, Bernard; Rickenmann, René. **El acceso al patrimonio cultural**. Retos y debates. Cadernos da Cátedra Jorge Oteiza: Universidade Pública de Navarra, Espanha, 2008.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio**: museu de arte e escola. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação**: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, out, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga. (orgs.). **Mediando [com]tatos com arte e cultura**. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, Nov. 2007.

MOURA, Lídice Romano de. **Arte e educação**: uma experiência de formação de educadores mediadores. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2007.

NÓVOA, António. (coord.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

ORLOSKI, Erick. **Diálogos e reflexões com educadores**: a instituição cultural como potencialidade na formação docente. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2005.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Olho vivo**: arte-educação na exposição Labirinto da Moda uma aventura infantil. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Arte/USP, São Paulo, 1999.

Currículo do autor

Rejane Galvão Coutinho é doutora em Artes pela ECA/USP e professora do Instituto de Artes da UNESP, onde atua na Graduação e Pós-graduação. Membro do Arteducação Produções e de grupos de pesquisa do CNPq. Tem publicado artigos em periódicos e livros, incluindo o *Artes Visuais: da exposição à sala de aula*, São Paulo, Edusp, 2005 em co-autoria com Ana Mae Barbosa e Heloisa Margarido Sales.